

A criança e a infância do Campo: as culturas infantis no contexto campesino

Niños e infancia en el campo: culturas infantiles en el contexto rural

Elen Mara da Silva Neves¹
Zilda Gláucia Elias Franco²

RESUMO

Este texto surge a partir da necessidade de contribuir com os estudos voltados para as culturas infantis das crianças do Campo, dado que são poucas as produções que abordam essa temática. O objetivo geral é evidenciar como as culturas infantis são constituídas nos espaços campesinos. O estudo consolida-se a partir das produções já publicadas e que tratam acerca desse tema, logo, configura-se como uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Além dos artigos científicos oriundos do banco de dados do *Google Acadêmico*, foram consultados livros que serviram de aporte teórico para esta investigação. Foram examinadas leis, resoluções, normativas e diretrizes que tratam da oferta da Educação Infantil no Campo brasileiro. Como resultado, concluiu-se que, além das interações com o meio, com os adultos e com outras crianças, a brincadeira é considerada o principal artefato na construção das culturas infantis, desenvolvendo-se tanto no seio familiar, nos espaços da comunidade, quanto no meio escolar. Embora seja garantida uma educação que efetive as culturas infantis do Campo, percebe-se que há muito o que aprimorar na educação ofertada para que essa cultura possa se efetivar também no espaço escolar.

Palavras-chave: Criança; Infância; Cultura; Campo; Educação Infantil.

ABSTRACT/ RESUMEN

Este texto surge de la necesidad de contribuir a los estudios centrados en las culturas infantiles de los niños rurales, dado que existen pocas producciones sobre este tema. El objetivo general es destacar cómo se constituyen las culturas infantiles en el medio rural. El estudio se consolida a partir de trabajos ya publicados que abordan este tema, por lo que se trata de un estudio bibliográfico cualitativo. Además de artículos científicos extraídos de la base de datos Google Scholar, se consultaron libros para dar soporte teórico a esta investigación. Se examinaron leyes, resoluciones, reglamentos y directrices que tratan de la oferta de Educación Infantil en el campo brasileño. Como resultado, se concluyó que, además de las interacciones con el ambiente, con los adultos y con otros niños, el juego es considerado el principal artefacto en la construcción de las culturas infantiles, desarrollándose tanto en el ámbito familiar, como en los espacios comunitarios y en el ambiente escolar. Apesar de que la educación es garantía para hacer realidad la cultura infantil rural, es evidente que hay mucho que mejorar en la educación ofrecida para que esta cultura pueda realizarse también en el ámbito escolar.

Palabras clave: Niño; Infancia; Cultura; Campo; Educación Infantil.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Orcid id: <https://orcid.org/0009-0009-4336-5126>. E-mail: eleneves19@gmail.com

² Docente do Departamento de Educação da Universidade Federal do Amazonas, Doutora em Educação. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-1654-7102>. E-mail: zildaglaucia@ufam.edu.br.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a criança foi considerada mero ser biológico sem *status* social (Sarmiento, 2004), e, mesmo existindo, ela era tratada como um ser invisível entre os adultos. A ela eram negados os cuidados básicos inerentes à sua condição de ser criança que precisa de proteção, cuidado e atenção. Foi na era da industrialização que as crianças passaram a não ser mais aproveitadas como mão de obra, para serem inseridas nas atividades intelectuais consideradas mais apropriadas a elas (Stearns, 2006).

Para que esse cenário pudesse ser modificado, foram necessários estudos relacionados à criança, como demonstra Ariès (2012) em a *História social da criança e da família*, que buscassem evidenciar a criança como um ser social e cultural. Com o passar dos séculos, ela foi tomando seu lugar na sociedade e para ela foram instituídos direitos que em outros momentos da história não existiam. A partir de então, a criança passou a ser protagonista na construção de suas próprias culturas em diversos espaços, urbanos ou campestinos. Pesquisar a criança e sua infância torna-se essencial para que as culturas a esta última relacionadas sejam cada vez mais consolidadas.

Pensando nisso, a pesquisa intitulada “A criança e a infância do Campo: as culturas infantis no contexto campestre” tem por objetivo mostrar como as culturas infantis são constituídas nos espaços campestres, partindo do pressuposto de que esses espaços são ricos em diversidade cultural e propiciam à criança o contato com a natureza, contribuindo para que a infância dela inserida nesse meio seja diferenciada por se constituir de características particulares.

Esta pesquisa se justifica a partir da necessidade de tornar visíveis as culturas infantis nos espaços campestres tanto nas comunidades quanto no meio escolar, uma vez que as crianças estão presentes nesses espaços e são promotoras da cultura de suas próprias infâncias.

A metodologia utilizada neste estudo tem uma abordagem qualitativa alicerçada na busca por pesquisas já realizadas a respeito do tema que serviram de aporte teórico para nossas reflexões, configurando esta análise como uma pesquisa bibliográfica.

Para a construção desses conhecimentos a pesquisa procura enfatizar um pouco do contexto cultural das crianças e das infâncias do Campo, mostrando como são vividas as infâncias dessas crianças e de que maneira elas estão sendo efetivadas e contribuindo para a construção de culturas nesses contextos e no espaço escolar.

O texto evidenciará ainda como são as infâncias das crianças do Campo, demonstrando que elas ocorrem de forma diferenciada daquelas que são vividas no contexto urbano, pois são infâncias que se desenvolvem em meio a culturas pertinentes ao contexto campesino que dispõe de natureza abundante representada nos rios, florestas e no contato com animais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIANÇA E A INFÂNCIA DO CAMPO

Podemos afirmar que a infância é definida como inerente à vida da criança e que é constituída de acordo com as relações e interações que a criança vivencia. A infância não acontece igualmente para todas as crianças; sua construção vai depender do tempo e do lugar no qual ela esteja inserida. Nesse sentido, a infância da criança que vive na área urbana diferencia-se da infância vivida pela criança que reside no Campo. Desse modo, Silva, Silva e Martins (2013, p. 16) acrescentam que:

Crianças assentadas e acampadas da reforma agrária, quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, de comunidades de fundo de pasto, pantaneiras, crianças da floresta, por exemplo, vivem relações sociais, identitárias e com o ambiente construído e natural de formas diferenciadas, compondo assim possibilidades que, se olhadas de perto, recortam e estruturam sentidos particulares de existência, de possibilidade de ação no mundo, de constituição e expressividade de si, por meio de diferentes linguagens.

A criança do Campo, assim como toda criança, brinca, cria, imagina e constrói significados enquanto se relaciona com as pessoas e participa das situações pertinentes ao meio em que vive. Silva e Pasuch (2010, p. 1) descrevem que, “na relação com espaços e tempos que caracterizam o campo brasileiro, as crianças vivenciam suas infâncias imersas em seus grupos culturais e constroem, com adultos e outras crianças, sua autoestima e suas identidades pessoais e coletivas”. À medida que interage com o meio, a criança constrói suas próprias significações sobre si mesma e com relação a seu lugar

de vivência e estão presentes em suas infâncias a cultura, o modo de viver, de plantar, de colher e de se relacionar com a natureza.

A infância do campo é múltipla, permitindo ser chamada de infâncias do campo, pois no espaço campesino existem culturas e modos de vida diversos. A criança do campo é produtora de cultura, sujeito político de direito, capaz de intervir diretamente na sociedade por meio das narrativas e brincadeiras, em busca da sua valorização e da sua identidade (Souza, 2021, p. 149).

Para algumas das crianças do Campo a rotina é bem característica desse ambiente. Enquanto não estão em atividades na escola ou envolvidas na brincadeira, estão a ajudar a família nos afazeres domésticos ou no trabalho com o cultivo e criação de animais. Com relação a essa realidade, Conde (2016, p. 6) evidencia que:

Ao estar inserida na atividade familiar de trabalho, a criança reproduz essa cultura por meio da brincadeira e da ajuda, o que favorece a aprendizagem da forma de trabalho de sua família e contribui para a assimilação de sua cultura, inserção e aceitação em seu grupo social.

Pasuch e Moraes (2013) reforçam que algumas das crianças do Campo têm contato direto com o que elas chamam de “cultura do trabalho”. Esse fato ocorre em razão da própria cultura campesina de produzir seu sustento a partir do trabalho com a terra, como mencionado anteriormente. Contudo, são nesses espaços que a criança aprende com os adultos a importância do cultivo dos alimentos e como cuidar dos animais, pois é constante sua participação nesses momentos. Inserir a criança do Campo nas atividades familiares pode parecer injusto, no entanto é assim que a ela é repassado o conhecimento da cultura de sua família, e o trabalho, entendido como necessário à sua sobrevivência, também faz parte dessa cultura, porém não são impedidas de vivenciar sua infância, como afirmam Pasuch e Moraes (2013, p. 85):

[...] muitas delas não perdem seus direitos de viver a infância porque, ao terminar as tarefas de casa e da escola, podem usufruir dos espaços das brincadeiras: correr, nadar, pular corda, andar a cavalo, caçar com os pais, visitar os colegas mais próximos, subir em árvores e tantas outras formas de apreciação do lazer [...].

São nesses espaços e tempos que as infâncias das crianças do Campo se desenvolvem. Sua identidade cultural é alicerçada de acordo com a cultura construída por

seus antepassados. Nesse sentido, ao vivenciar essas culturas, a criança apreende aquilo que é inerente a seu lugar de vivência, e nesses ambientes ela se educa e se constitui parte integrante na construção e conservação dessas culturas no futuro. Desse modo, o Campo se constitui como um espaço intensificador das culturas infantis.

O CAMPO COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DAS CULTURAS INFANTIS

Quando pensamos no cenário do Campo, reportamo-nos às características que são próprias desse ambiente rico em variedades culturais. De acordo com Nogueira *et al* (2022, p. 9), “o campo é um lugar complexo. Como tal reúne as condições ontológicas, epistemológicas e metodológicas”. E acrescentam que é ontológico pois é um lugar de vida, carregado de significados e formas de viver; é epistemológico pois trata-se de múltiplas relações entre muitas coisas inerentes desse lugar; e é metodológico pois está relacionado ao modo de produção e reprodução desse espaço (Nogueira *et al.*, 2022, p. 9-10). É nesse espaço complexo que ocorrem as narrativas das culturas infantis, possibilitando à criança a vivência desses espaços e o contato com as diversas características que o Campo possui.

Na convivência com o espaço campesino, a criança produz suas culturas de diversas formas. Nesse sentido, podemos destacar as brincadeiras realizadas pelas crianças como o principal aspecto de significação das infâncias desenvolvidas nesses territórios, pois, de acordo com Silva e Sodré (2017, p. 364), “a criança do campo expressa nas suas brincadeiras elementos do lugar em que vive”. A brincadeira da criança do Campo   acompanhada de muitos significados com rela o a seu ambiente de socializa o, possibilitando dessa maneira um reflexo daquilo que ela aprende em seu dia a dia nas rela oes com os adultos e com outras crianças. Nessas intera oes, elas não são produzem cultura com rela o ao trabalho, mas também aprendem sobre jogos, rituais e festividades religiosas presentes nesses contextos.

As infâncias do Campo são vivenciadas em ambientes de constante contato com a natureza. Conde (2016, p. 55) evidencia que no Campo “  possível se aventurar, tomar banho de rio e andar de bicicleta pela roça, num convívio intenso com a natureza, os

animais, a família e a comunidade [...]”. Nesses espaços as crianças vivenciam diversificadas formas de construção de culturas inerentes a seu contexto e ainda são privilegiadas com a tranquilidade de poder brincar e vivenciar espaços de interação com os adultos e com outras crianças, buscando na brincadeira a efetivação de sua infância.

Considerando a brincadeira como artefato de produção das culturas infantis, Carvalho e Silva (2018, p. 199) nos relembra que “ao brincarmos vivemos a experiência de ‘arrebatoamento’. A brincadeira adquire então um sentido não real, não palpável ou empírico. A brincadeira nos arranca da rotina da inércia, da seriedade do mundo”. Neste sentido, ao brincar, a criança imagina e cria à medida que novas perspectivas são constituídas dentro de suas próprias culturas.

Quando a criança do Campo brinca, ela traz para a brincadeira alguns elementos que estão presentes em seu cotidiano e os transforma em outros que variam de acordo com sua imaginação. Souza (2021, p. 154) reforça que “um graveto se transforma em avião, telefone, carrinho, uma folha em um barco, a árvore numa montanha, grãos e sementes em comidas, sabugo e penas em peteca”, e assim ela vai relacionando a brincadeira com sua realidade vinculando as tradições presentes nesses contextos a seu próprio modo de construir a cultura de sua infância.

A brincadeira da criança do Campo está relacionada a seu contexto de vivência. É o espaço que determina o modo de brincar, como brincar e com quem brincar. Quando pensamos nas brincadeiras realizadas pelas crianças ribeirinhas, por exemplo, deparamo-nos com uma infância que se desenvolve inteiramente em contato com a natureza e que tem os rios, igarapés e lagos como os elementos que mais contribuem na caracterização dessas infâncias. Brandão (2019, p. 70) enfatiza que:

O ato de nadar no rio é muito utilizado nas brincadeiras infantis ribeirinhas, mas sempre sob supervisão de um adulto, as crianças realizam diversas brincadeiras na água, como natação, pira-pegas, fazem barcos de madeiras como o miritizeiro que flutua na água, brincam também de salto mortal na maré cheia utilizando galhos de árvores como trampolim para dar pirueta e Andar de canoa ou casco, realizando competições de canoa.

Brostolin e Carvalho (2023) enfatizam que, no decorrer de sua pesquisa de doutoramento, constataram que a brincadeira nos contextos pantaneiros também é

marcante na construção das culturas infantis. Em suas observações puderam perceber que, quando as crianças estão juntas, elas interagem e, ao mesmo tempo que essa interação ocorre, elas vão construindo as culturas infantis inerentes desse contexto:

[...] As crianças vão partilhando os mesmos espaços, tempos e interações sociais, elas criam juntas estratégias para lidar com a complexidade de conhecimentos, afazeres, valores, hábitos, artefatos e atitudes que lhes são apresentados, transformando-os em compreensão e ação sobre o mundo [...] quando contam as suas histórias, tem-se, ali, momentos desses compartilhamentos; quando contam e praticamente todas elas afirmam terem visto onça, sucuri, lobisomem, saci, entre outras coisas, marcam as suas experiências, e, mesmo não tendo visto onça, sucuri, lobisomem e saci, elas afirmam e perpassam como verdade as suas vivências (Brostolin; Carvalho, 2023, p. 346).

Podemos considerar que as crianças do Campo expressam suas vivências por meio das brincadeiras, refletindo seu cotidiano e representando os acontecimentos vividos em diversos momentos, tanto na interação com os adultos, quando aprendem a pescar, caçar, pilotar uma canoa, ordenhar um animal, o período de plantar e de colher, quanto na convivência com outras crianças nos espaços da comunidade ou na escola. Desse modo, de acordo com Silva Pasuch e Silva (2012, p. 96), “nas interações, a criança se apropria daqueles elementos específicos das atividades características do rural, dos elementos daquela cultura”, e assim passa a ser parte integrante desse contexto e partícipe da construção dessa cultura.

Até aqui nossas discussões trouxeram algumas considerações sobre a criança do Campo e sobre o Campo como espaço de construção das culturas infantis. No entanto, no espaço campesino existem outros ambientes que podem ser propícios à consolidação dessas culturas, e a escola é um deles. Nesse espaço, a criança vivencia experiências que podem ser enriquecedoras nesse processo.

A seguir, destacaremos de forma sucinta a abordagem metodológica da pesquisa, que serviu como trajetória para que este estudo pudesse ser realizado. Creswell (2021, p. 3) revela que “as abordagens de pesquisa são o planejamento e os procedimentos de pesquisa que abrangem as decisões, desde pressupostos gerais até métodos de coleta, análise e interpretação de dados”. Diante disso, a maior decisão em uma pesquisa é a escolha da abordagem mais apropriada para cada estudo em específico. Na busca de

construir conhecimento a respeito das culturas infantis do Campo, apresentaremos a seguir a abordagem definida para esta pesquisa.

METODOLOGIA

Com uma abordagem qualitativa, esta pesquisa configura-se um estudo do tipo bibliográfico realizado mediante consulta de artigos científicos no banco de dados do *Google Acadêmico*, buscando evidenciar como as culturas infantis são constituídas nos espaços camponeses a partir de investigações já realizadas e relacionadas ao tema e à efetivação dessas culturas no contexto escolar a partir das leis e normativas que as garantem. Minayo (2001, p. 21-22) nos revela a seguir os aspectos relacionados à pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Optou-se pela pesquisa do tipo bibliográfica, pois a pesquisa se torna mais viável quando se pretende alcançar diversas informações a respeito de determinado assunto de maneira mais rápida e abrangente. Gil (2002, p. 44) descreve que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Desse modo, buscou-se por artigos científicos, leis e normativas que pudessem articular a temática às nossas próprias reflexões acerca do tema abordado.

A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO POTENCIALIZADORA DAS CULTURAS INFANTIS DO CAMPO

A garantia da oferta da educação para as crianças é dada a partir da Constituição Federal de 1988, que estabelece em seu artigo 205 que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da

cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988). A Constituição Federal garante essa oferta a todas as crianças, independentemente do contexto (urbano ou do campo) no qual elas estejam inseridas.

Na busca pela garantia do direito a uma educação de qualidade, evidenciamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/1996, que trata em seu artigo 4.º, incisos I e II, da obrigatoriedade do ensino público que atenda às seguintes recomendações:

Art. 4.º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada da seguinte forma:

- a) pré-escola;
- b) ensino fundamental;
- c) ensino médio;

II – educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (Brasil, 1996).

Tendo em vista que o direito à educação se estende a todos os cidadãos brasileiros, a LDB traz em seu artigo 28 as especificidades da educação destinada aos povos do Campo, referidos na lei como população rural:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III – adequação à natureza do trabalho na zona rural (Brasil, 1996, p. 22).

No tocante à educação destinada às crianças de 4 e 5 anos, a LDB assegura a oferta da Educação Infantil a todas as crianças nessa faixa etária, confirmando em seu artigo 29 o seguinte:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996, p. 23).

A LDB, em nenhum de seus artigos, não traz nada, diretamente, a respeito das especificidades da Educação Infantil para as crianças do Campo. No entanto, outro

documento aborda essas especificidades de maneira bem acentuada. Trata-se das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). A resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009, define como devem ser construídas as propostas pedagógicas destinadas às crianças matriculadas na pré-escola, e entre essas diretrizes estão definidas as propostas para a Educação Infantil do Campo.

As DCNEI indicam que as propostas pedagógicas destinadas às infâncias do Campo devem atender às seguintes definições:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil das crianças filhas de agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, povos da floresta, devem:

- ✓ Reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;
- ✓ Ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis;
- ✓ Flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;
- ✓ Valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;
- ✓ Prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade (Brasil, 2009, p. 24).

Desde 2017, a normativa que orienta os currículos das escolas é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesse documento, são definidas as aprendizagens relacionadas ao conhecimento, competências e habilidades essenciais a serem desenvolvidas pelos estudantes em cada etapa de ensino no decorrer da educação básica. O documento define a normativa como:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2017, p.7).

Quanto à Educação Infantil, a BNCC define a educação como indissociável do cuidado, cabendo às creches e pré-escolas o acolhimento das vivências e os conhecimentos prévios das crianças oriundos de suas famílias e do contexto no qual ela esteja inserida. Portanto,

[...] suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (Brasil, 2017, p. 36).

Percebe-se uma alusão da normativa aos conhecimentos adquiridos pelas crianças no seio familiar e no contexto cultural que ela vivencia. No entanto, não há nenhuma menção à Educação Infantil do Campo de forma mais específica, deixando a cargo dos estados e municípios a tarefa de criar suas próprias propostas para atender a essa etapa de ensino.

De fato, está previsto na lei que a educação destinada aos povos camponeses deve atender as especificidades das realidades próprias desses lugares, porém a busca pelo direito a um currículo que vá ao encontro das realidades das infâncias do Campo, que leve em consideração que existem inúmeros contextos camponeses distribuídos em diversos lugares do Brasil, que abranja diversificadas infâncias, modos de vida e de cultura ainda persiste.

Gobbi, Galian e Ciardella (2021) nos fazem refletir sobre a questão da relação de currículo e uma infância universal inexistente. Segundo elas:

Se afirmamos nas últimas décadas a inexistência de uma infância universal, colocando a lume estudos da Sociologia da Infância, a insistência em um currículo pretensamente universalizante é, no mínimo, frágil na afirmação de posicionamentos e reflexões profundas (Gobbi, Galian e Ciardella (2021, p. 171).

Seguindo o pensamento das autoras e trazendo para a realidade da Educação Infantil do Campo, essa fala reflete bem a realidade dos currículos destinados a essa clientela. Pensar um currículo construído para uma Educação Infantil única, mas que, no

entanto, difere-se por se constituir em contextos rurais e urbanos, é no mínimo pretencioso de universalização, levando-nos a uma reflexão sobre o que de fato está ou não sendo contemplado no documento de acordo com as variadas realidades vivenciadas.

Com a conquista do direito à educação para as crianças do Campo, a escola configura-se como um ambiente receptivo à produção de cultura das infâncias do Campo, pois é na escola que sua realidade deve ser abordada e evidenciada a fim de relacionar aquilo que aprende no espaço escolar com a realidade que ela vivencia fora da escola.

Diante do exposto, Menezes (2020, p. 155) enfatiza que:

O debate sobre a educação da criança do campo é ampliado, abrindo novas discussões e reuniões, com os diversos segmentos, com a intenção de solidificar o discurso sobre a infância no campo e elaborar propostas para construção de políticas públicas (Menezes, 2020, p. 155).

São as políticas públicas que garantem o acesso e permanência das crianças do Campo nas escolas, com o propósito de oferecer a ela uma educação que valorize seu contexto social e cultural, fortalecendo ainda mais a importância de pensar em propostas que possam evidenciar seu contexto. Nesse sentido, a escola configura-se como potencializadora desse processo tendo em vista que ela tem a possibilidade de inserir em suas práticas pedagógicas elementos que possam valorizar essas culturas.

A instituição escola deve compreender a criança do Campo como um ser que apreende e vive as relações diferenciadas do contexto urbano. Sendo assim, a Educação Infantil destinada à criança campesina deve estar organizada com práticas que não apenas evidenciem o cuidado com a vida, mas também com a natureza. Pensando nisso, Silva, Pasuch e Silva (2012, p. 109) reforçam que “as práticas pedagógicas de cuidado de si podem ser articuladas organicamente aos cuidados com os recursos naturais, com as plantas e animais, tão próximos das crianças do Campo”. Logo, o ensino proposto para as crianças do Campo poderá despertar nelas a importância da preservação do local onde elas vivem e conseqüentemente da preservação das culturas infantis existentes nesse contexto.

Por sua vez, professor(a) da Educação Infantil do Campo é necessário que ele(a) seja criativo(a), curioso(a), ser pesquisador(a) das singularidades dessa etapa de ensino

no Campo e um(a) bom(boa) observador(a) que esteja atento(a) ao movimento das culturas infantis existentes nesses espaços. Para Silva e Pasuch (2010, p. 14), “ser professora e professor da educação infantil do campo, como em qualquer outro contexto, requer planejamento”. Assim, as boas práticas pedagógicas devem ser inseridas no planejamento da professora e professor com o objetivo de promover as culturas das crianças do Campo.

No decorrer da pesquisa, observou-se que poucos são os trabalhos que demonstram especificamente as culturas das infâncias do Campo. Com base na pesquisa bibliográfica, ficou evidente que as culturas infantis do Campo se desenvolvem basicamente a partir das relações que elas constroem na interação com os adultos e com outras crianças, tendo a brincadeira como protagonista na construção dessas culturas.

Evidenciou-se ainda que o contexto campesino é um espaço de promoção das culturas infantis na medida em que ele proporciona à criança maior contato com a natureza, possibilitando a ela vivenciar situações corriqueiras desses ambientes que são imprescindíveis na construção das culturas infantis campesinas.

O estudo constatou ainda que a escola se constitui como potencializadora das culturas infantis do Campo, pois ela pode garantir em suas propostas e práticas pedagógicas uma valorização ainda mais grandiosa dessas culturas, possibilitando a criança vivenciar dentro do espaço escolar um aprendizado significativo, que faça a interlocução do que ela pratica na escola com o que vivencia fora dela. Entretanto, para que isso ocorra é preciso que a escola repense suas práticas e, se necessário, reconstrua suas propostas pedagógicas para atender a essas especificidades.

REFLEXÕES FINAIS

A criança do Campo está inserida em ambientes que proporcionam uma vivência mais próxima da natureza. Desse modo, a infância que se desenvolve nesses espaços é constituída de culturas pertinentes a esses contextos. A religiosidade, as histórias, os meios de transporte, a culinária, as festas, entre outros, são aspectos presentes na cultura

do Campo. Eles são representados pela criança por meio da brincadeira quando ela cria e recria situações cotidianas vivenciadas nas relações com o meio e com os demais protagonistas desses territórios.

Na luta por direitos à educação, os movimentos sociais protagonistas nessa empreitada permitiram à criança do Campo a conquista do espaço nas leis e a efetivação de diretrizes que garantem seu acesso e permanência nas instituições de ensino no Campo, além do direito a uma aprendizagem que atenda a suas especificidades relacionadas ao cuidado e à educação, incentivando a proteção e o cuidado com a natureza. Algumas questões ainda são pertinentes. É notória a necessidade de muitas melhorias na oferta e qualidade do ensino, principalmente no que diz respeito às crianças do Campo.

Quando falamos de educação para as crianças do Campo, ainda nos inquieta o fato de não haver um currículo específico que possa contemplar as infâncias desses lugares, afinal, as infâncias do Campo são diversificadas histórica e culturalmente, conferindo a elas um papel de protagonistas na construção de cultura a partir de seu contexto social, dos modos de vida e do tempo em que se passa a infância, buscando sua representatividade a partir da brincadeira e dos papéis que a criança assume, tanto na escola quanto na família.

Diante do exposto, ficou constatado que a criança e a infância do Campo são protagonistas na construção de cultura desses espaços ricos em diversidade e que as culturas infantis estão presentes nos contextos campestres. Espera-se que este estudo possibilite e incentive outras pesquisas com a mesma abordagem com o intuito de mostrar que as culturas infantis presentes nos contextos do Campo merecem destaque nas pesquisas científicas.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BRANDÃO, Priscilla Pantoja do Nascimento. **Saberes culturais ribeirinhos: o brincar e a cultura infantil a partir das narrativas dos moradores da comunidade de Arraiol – Arquipélago do Bailique/AP**. Orientadora: Ângela do Céu Ubaiara Brito. 2019.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019. Disponível em: https://www2.unifap.br/ppged/files/2019/10/dissertac%CC%A7a%CC%83o-final_priscillabrandao.pdf. Acesso em: 14 dez. de 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: dez. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: dez. 2023.

BRASIL. **Resolução n.º 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf. Acesso em: dez. 2023.

BRASIL. **Portaria n.º 1.570, de 20 de dezembro de 2017**. Fica homologado o Parecer CNE/CP n.º 15/2017, do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, aprovado na Sessão Pública de 15 de dezembro de 2017, que, junto ao Projeto de Resolução a ele anexo, instituem e orientam a implantação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, explicitando os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, a ser observada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/PORTARIA1570DE22DEDEZEMBRO2017.pdf>. Acesso em: dez. 2023.

BROSTOLIN, Marta Regina; CARVALHO, Janaina Nogueira Maia. Culturas infantis de crianças pantaneiras em contexto escolar: o protagonismo como elemento de desenvolvimento da cultura local. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 24, n. 1, p. 343-356, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/3774>. Acesso em: set. 2023.

CARVALHO, Levindo Diniz; SILVA, Rogério Correia da. Infâncias no campo: brinquedo, brincadeira e cultura. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo>. Acesso em: set. 2023.

CONDE, Soraya Franzoni. O que as crianças do campo fazem fora da escola? Reflexões sobre cultura e infância em territórios rurais de Santa Catarina. **Crítica Educativa**, Sorocaba/SP, v. 2, n. 2, p. 51-61, jul./dez.2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22476/revcted.v2i2.96>. Acesso em: ago. 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOBBI, Marcia Aparecida; GALIAN, Claudia Valentina Assumpção; CIARDELLA, Thais Monteiro. Currículo e infância: o olhar das crianças, desde bebês, para a educação infantil e além. **Debates em Educação**, Maceió, v. 13, n. 33, 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/51d199ee-eccf-4e6d-9b97-471c6429a8cd>. Acesso em: ago. 2023.

MENEZES, Cláudia Celeste Lima Costa. A infância e a educação infantil no campo: como anda o diálogo? **Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades**, Teresina, v. 1, n. 3, p. 143-165, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2425>. Acesso em: set. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social.** Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf. Acesso em: dez. 2023.

NOGUEIRA, Maria Leite *et al.* **Educação do campo: políticas e práticas.** Organização de Eulina Maria Leite Nogueira, Zilda Gláucia Elias Franco e Aldair Oliveira de Andrade. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2022.

PASUCH, Jaqueline; MORAES, Eulene Vieira. Retratos sociológicos das infâncias do campo. *In:* SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (org.). **Infâncias do campo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2.^a modernidade. *In:* SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, A. B. (coord.). **Crianças e miúdos.** Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9-34. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/79714>. Acesso em: ago. 2023.

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline. Orientações curriculares para a Educação Infantil do Campo. *In:* I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS. **Anais...** Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6675-orientacoescurriculares&Itemid=30192. Acesso em: 14 dez. 2023.

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline; SILVA, Juliana Bezzon da. **Educação infantil do campo**. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Carmem Virgínia Moraes da; SODRÉ, Liana Gonçalves Pontes. As crianças do campo e suas vivências: o que mostram suas brincadeiras e brinquedos. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 37, n. 103, p. 361-376, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/cK8CwMmXQ4qCKvn3BnqyDHq/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (org.). **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SILVA, Juliana Bezzon da. **Crianças assentadas e educação infantil no/do campo: contextos e significações**. Ribeirão Preto. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-13032013-090524/pt-br.php>. Acesso em set. 2023. Acesso em: 14 dez. 2023.

SOUZA, Yone Alves de. As culturas da infância no espaço escolar campesino. **Revista Velho Chico**, Bom Jesus da Lapa (BA), v. 1, n. 1, p. 144-157, abr. 2021. Disponível em: <http://tvc.lapa.ifbaiano.edu.br/ojs/index.php/rvc/article/view/17/10>. Acesso em: dez. de 2023.

STEARNS, Peter N. **A infância**. Tradução Mirna Pinnsky. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção História mundial.)

Submetido em: 10 de agosto de 2023.

Aprovado em: 02 de outubro de 2023.

Publicado em: 01 de janeiro de 2024.

Autoria:

Autor 1: Elen Mara da Silva Neves

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Especialista em Alfabetização e Linguagem pela Faculdade São Braz. Professora da Educação Básica do Campo da Secretaria Municipal de Educação de Humaitá – Amazonas. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil (GPEDIN). Atualmente mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Humanidades – PPGECH - UFAM

Universidade Federal do Amazonas

eleneves19@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4336-5126>

Brasil

Autor 2: Zilda Gláucia Elias Franco

Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH) da UFAM. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil (GPEDIN) e participa da Rede de Pesquisas Infâncias e Crianças da Amazônia (SAMAÚMA).

Universidade Federal do Amazonas

zildaglaucia@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1654-7102>.

Brasil